

dos ricos, dos miseráveis camelos que só podem contar com um minúsculo buraco de agulha para tentar o ingresso no Reino.

E cada dia que passa, a vida ganha para nós nova perspectiva: invertida, mas verdadeira; angustiosa por vezes, mas bela; sem flores e festões, mas luminosa - a perspectiva da Esperança e do Dom de Ciência.

Estudando a vida de Ozanam, palpita-nos agudo interesse por ele e por ela; lendo-lhe as obras, encontramos a cada passo uma página de flamante atualidade. Sentimos nele um irmão, um companheiro de lutas e de ideais, um mestre e um condutor. Mas, sobretudo, conhecendo de perto a Sociedade de S. Vicente de Paulo, que ele fundou para os moços de seu tempo e de todos os tempos, conhecendo-a com aquele “saber só de experiências feito”, sentimos Ozanam junto de nós: o intelectual do século passado, o professor emérito, o defensor das nossas posições de hoje, torna-se para nós algo de maior e mais palpável, torna-se uma poderosa Presença.

O peregrino que descer à cripta da longínqua igreja de Saint-Joseph des Carmes na encantadora Paris, encontrará no mais escuro canto uma obscura pedra tumular. Ela fecha uma campa onde aguardam a ressurreição gloriosa as cinzas de Frederico Ozanam, e sobre ela se lê uma inscrição, tomada ao Evangelho e que misteriosamente profetiza o destino de quem continua, de quem está presente: “Por que buscais entre os mortos a quem está vivo?”

[Nota dos organizadores desta coletânea: completam este artigo a transcrição de dois textos de Ozanam - “A Igreja e os regimes temporais”, uma página de mocidade, e o manifesto “Aos eleitores do Ródano” (datado de 1848), e mais a “Bibliografia de Ozanam” e “Bibliografia Sobre Ozanam (Fontes Para Estudo)” preparadas e comentadas por Gládstone Chaves de Melo.]

(In *A Ordem*, Rio de Janeiro, set. 1953, pp. 199-223.)

OZANAM: CULTURA E ERUDIÇÃO.

(1951)

[.....]

Em outra oportunidade tratamos de Ozanam sob o prisma intelectual e o apresentamos como precursor: precursor da moderna reabilitação histórica da Idade Média, precursor das atuais posições da exegese dantesca, precursor dos estudos sobre o franciscanismo artístico, precursor das mais avançadas afirmações do catolicismo social.

Já se está a ver a importância de Ozanam no mundo da cultura. Insistiremos no ponto, não sem primeiro estabelecer uma distinção necessária.

Refiro-me à que se deve cuidadosamente estabelecer entre cultura e erudição.

São duas coisas bem diferentes e, de certo modo, até incompatíveis. A cultura forma, a erudição informa. A cultura se aprofunda, a erudição se espraia. A cultura é vertical enquanto a erudição é horizontal. A cultura pede inteligência, a erudição a dispensa, por vezes a repele, ou afoga-a, quando se vê a braços com ela. Frequentemente o erudito é um homem que estuda com a vontade. Um homem tenaz e persistente. Um leitor sem tréguas e sem norte. Um viciado na leitura. Além disso, é um homem que renuncia a ter opinião: repete as opiniões alheias. Falta-lhe a operação própria da inteligência que é a crítica, o discernimento entre o bom e o mau, entre o falso e genuíno. Todo o mundo que escreve um livro passa a ser um autor, que merece tanta honra e acatamento como qualquer outro autor. Quando o erudito busca um critério, não raro escolhe um extrínseco, como o da modernidade, por exemplo. Melhor é o último livro. Como é insaciável seu afã de ler, o erudito não pára para pensar: seria perder o precioso tempo da leitura. Raramente escreve. Porque, para escrever alguma coisa, precisaria antes ter lido tudo que se publicou sobre o assunto, e como nunca se cessa de escrever, ele não pode meter mãos à obra.

Quando escreve, no entanto, ele é um mero alinhador de opiniões. Cita descompassadamente, e na verdade se torna autor apenas das frases de liame entre uma e outra colação. Isto, contudo, lhe dá um grande prestígio nos arraiais da meia cultura: ele vence a resistência física de seus leitores, que passam a respeitá-lo como um grande sabedor. Sabedor, sim, mas sabedor de empréstimo é o que ele é. Há casos de sólida estupidez gravemente escondida por trás de uma larga erudição, onde é preciso uma percuciente inteligência para atravessar a crosta e surpreender o indigente.

Outras vezes o erudito resolve colecionar conjecturas, e se dá ao desporto de contestar ou abalar convicções tranqüilas. Eruditos já puseram em dúvida a existência de Shakespeare, de vários personagens históricos, e até de Nosso Senhor Jesus Cristo! Entre nós houve um que compôs um livro para mostrar que a história do Brasil, a verdadeira, a secreta, foi tramada por judeus.

Já a cultura é outra coisa. É um conhecimento de inteligência, onde a meditação e a observação têm parte maior que a leitura. Onde a crítica e o discernimento são permanentes. Onde na realidade se repassa o objeto, onde se acredita na existência da coisa, palpável, tangível, obrigando a inteligência a se debruçar docilmente sobre ela num esforço de identificação. Muitas vezes a cultura exige erudição, mas como *meio*, jamais como *fim*. Por isso mesmo, para o homem culto essa erudição necessária é olhada como ancila, ele tem por ela um certo desdém, porque o que lhe vale acima de tudo é o *objeto*. Tem vergonha da erudição, quando o outro tem garbo. Uma das ciências que pede

erudição é a história. E pede muita erudição. Mas o verdadeiro historiador se apega ao fato, procura por um esforço potente de imaginação reviver os tempos passados, na sua realidade existencial, e procura com a maior plasticidade da inteligência interpretar com veracidade os fatos, para descobrir o fio condutor da história.

Direi ainda que a cultura é difusiva, ao passo que a erudição é egoísta. O homem culto quer comunicar, e não raro o erudito quer saber para o próprio deleite.

O católico que seja dotado de inteligência e vocação intelectual tem de visar à posse da cultura, mas as coisas para ele são mais sérias e mais graves. Se ele humildemente reconhece os talentos que recebeu e o chamamento que teve, não pode esquecer-se de que “toda superioridade é para o bem comum”, conforme luminosamente ensina Santo Tomás de Aquino. Se ele em alguma coisa é mais, este mais está ordenado para o bem da comunidade. Suas responsabilidades são maiores. Ele precisa de estudar, com afinco, em profundidade, mas para trazer uma mensagem, para pagar seu imposto à comunidade. Não pode enterrar os talentos, há de fazê-los frutificar bons e multiplicados frutos, mas frutos para a comunidade.

Ainda não é tudo. A missão do intelectual católico não está definida só nesta ordenação ao bem comum. Falta ainda uma dimensão, e uma dimensão difícil, excelentemente apontada por Maritain:

Como homem (o católico) está no tempo e submetido a todas as vicissitudes do *devenir*. Como membro do Corpo Místico de Cristo, está jungido à eternidade, sua vida mais íntima assenta raízes onde não se encontra nem mutação, nem sombra de vicissitude, sua inteligência está fixa na Verdade primeira, a fidelidade a esta é nele fundamento de todo o edifício da graça, e o primeiro benefício que toda criatura espera dele. Esta espécie de mediação entre o tempo e o eterno é para a inteligência cristã uma cruz dolorosa e uma sorte de missão redentora, ao mesmo tempo. Ela deve a cada instante pensar, sob a luz da eternidade, o mundo que passa e vai mudando (*Religion et Culture*, 2^e édition, Paris, Desclée de Brouwer, s/d (1930), pp. 81-82).

Alerta-nos o filósofo para o duplo perigo que se apresenta ao intelectual cristão. De um lado, o esquecimento, ao menos de fato, o abandono do eterno, em proveito do tempo. “Frequentemente generosos, e advertidos das necessidades do momento pelas intuições do coração, na sua precipitação para correr a realizações concretas, esquecem as condições primeiras da própria eficácia prática, que são de ordem espiritual” (ib., p. 84). São os ativos, que se perdem mais na agitação do que na ação, porque esquecem a longa oração e o longo estudo, que vivificam e fecundam as obras exteriores.

Do outro lado se situa um erro mais sutil, porque mais solene e mais escondido.

“Sob pretexto de fidelidade ao eterno”, continua Maritain, “o outro erro [...] consiste em permanecer presos, não ao eterno, mas a fragmentos do passado, a momentos da história, imobilizados e como embalsamados pela lembrança, e sobre os quais nos deitamos para dormir; os que assim procedem não desprezam o mundo como os santos, desprezam-no como ignorantes e presunçosos, não o pensam, recusam-no; comprometem as verdades divinas com formas moribundas: e se acontece que eles tenham melhor que os primeiros, a inteligência dos princípios que não mudam, e uma nítida visão dos erros, desvios e deficiências do momento presente, tal ciência fica estéril, incompleta e negativista, porque certa estreiteza de coração lhes impede “conhecer a obra dos homens”, e render justiça à obra de Deus, no tempo e na história” (ib., pp. 89-90).

[Excertos do artigo “O Testemunho Cristão de Ozanam em Relação à Cultura”, in *A Ordem*, Rio de Janeiro, mar.-abr. 1951, p. 119-123.]

SOBRE “O PROBLEMA DA RIQUEZA”.

(1949)

[Nota da redação da revista *A Ordem*.]

A propósito do artigo do universitário Eduardo Prado de Mendonça, “O Problema da Riqueza”, publicado no *Jornal do Brasil* de 15 de maio p.p., nosso secretário Gládstone Chaves de Melo dirigiu ao autor a carta que abaixo transcrevemos:

“Rio, 26 de maio de 1949.

Meu caro Eduardo.

Pax Christi!

Li, com a atenção que me merecia, o artigo que você teve a gentileza de me remeter, publicado no *Jornal do Brasil* de 15 deste e versando sobre o “Problema da Riqueza”.

Um comentário minucioso me levaria muito longe, levar-me-ia a escrever muito mais do que você. Quero, porém, aqui fazer algumas observações de ordem geral, com o intuito de fornecer elementos para reexame ou para completção do seu esquema.

Faço-o, porque vejo, pelo artigo, que você está empenhado no problema, que, aliás, é o problema do século. Nossos dias são caracterizados pela progressiva “maioridade” das classes populares, de tal modo que elas já não se contentam de ser as “classes menos favorecidas”, mas se vão convencendo que são “classes injustiçadas”.